

DO ROMANCE SOCIAL AO PALCO INTERNACIONAL: ESTRATÉGIAS RETÓRICAS NO ENTRECRUZAMENTO DE LITERATURA E POLÍTICA

Leonardo Vinicius de Souza Tavares

1

RESUMO

O presente artigo analisa o discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva proferido na Assembleia Geral da ONU, ao tomá-lo como *corpus* privilegiado para compreender como um representante das camadas populares brasileiras se legitima, ou não, no *mercado linguístico* internacional. A fundamentação teórica apoia-se na Literatura Social Brasileira, com destaque para obras como *O Cortiço* (Aluísio Azevedo), *Os Sertões* (Euclides da Cunha), *Vidas Secas* (Graciliano Ramos) e *Quarto de Despejo* (Carolina Maria de Jesus), que configuram matrizes interpretativas da desigualdade e da formação social do país. Articula-se a isso a Retórica de Perelman (*Retóricas*) e conceitos deleuzianos de *representação* e *identidade* presentes em *Diferença e Repetição*. As categorias de análise são estabelecidas a partir do conceito de *mercado linguístico* de Pierre Bourdieu (2022), complementado pelo *lugar clássico* e *lugar romântico* de Perelman (2004), além do *espaço da diferença* deleuziano (1968), que problematiza identidades estabilizadas no cenário diplomático. O objetivo é compreender as estratégias discursivas que permitem a um presidente oriundo da classe trabalhadora constituir *ethos* de legitimidade na cena internacional. As conclusões apontam que o discurso de Lula opera taticamente entre a Tradição Retórica Clássica e o tensionamento da representação identitária, pois reposiciona o Brasil e questiona hierarquias simbólicas na política mundial.

Palavras-chave: Política. Retórica. Filosofia. Literatura Social. Lula.

RESUMEN

El presente artículo analiza el discurso del presidente Luiz Inácio Lula da Silva pronunciado en la Asamblea General de la ONU, tomándolo como *corpus* privilegiado para comprender cómo un representante de los sectores populares brasileños se legitima, o no, en el mercado lingüístico internacional. La fundamentación teórica se apoya en la Literatura Social Brasileña, con énfasis en obras como *O Cortiço* (Aluísio Azevedo), *Os Sertões* (Euclides da Cunha), *Vidas Secas* (Graciliano Ramos) y *Quarto de Despejo* (Carolina Maria de Jesus), que constituyen matrizes interpretativas de la desigualdad y de la formación social del país. A ello se articulan la Retórica de Perelman (*Retóricas*) y

¹Pós-Doutorado em andamento na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (Etnomusicologia e Retórica). Doutor em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Pesquisador efetivo do Grupo de Estudos Retóricos e Argumentativos (ERA) da PUC-SP, certificado pelo CNPq e também pesquisador convidado dos seguintes grupos: Grupo de Estudos e Pesquisas em Administração Escolar e do Lab arte (Laboratório Experimental de Arte Educação & Cultura), ambos da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Contato: leonardovitavares@yahoo.com.br

conceptos deleuzianos de representación e identidad presentes en Diferencia y repetición. Las categorías de análisis se establecen a partir del concepto de mercado lingüístico de Pierre Bourdieu (2022), complementado por el lugar clásico y el lugar romántico de Perelman (2004), además del espacio de la diferencia deleuziano (1968), que problematiza identidades estabilizadas en el escenario diplomático. El objetivo es comprender las estrategias discursivas que permiten a un presidente oriundo de la clase trabajadora constituir un ethos de legitimidad en la escena internacional. Las conclusiones señalan que el discurso de Lula opera tácticamente entre la Tradición Retórica Clásica y el tensionamiento de la representación identitaria, pues reposiciona a Brasil y cuestiona jerarquías simbólicas en la política mundial.

Palabras clave: Política. Retórica. Filosofía. Literatura Social. Lula.

Considerações iniciais

A história política brasileira apresenta tensões recorrentes entre povo e Estado, algo analisado de forma exemplar pelo historiador José Murilo de Carvalho em *Os Bestializados* (1987), quando discute a exclusão popular da vida republicana nascente. O autor mostra como amplos setores sociais permaneceram, por décadas, alheios às decisões políticas e produziram um fosso simbólico entre governantes e governados. Essa herança ajuda a compreender a força simbólica de um operário ocupar o cargo máximo da República, ao deslocar expectativas e redefinir os limites do possível na representação política.

Na perspectiva gramsciana, a presença de Lula na presidência pode ser entendida como resultado de uma longa disputa hegemônica, na qual diferentes classes buscam constituir projetos de direção moral e intelectual. Gramsci (1986), ao discutir a luta de classes e a formação de blocos históricos, evidencia como as frações subalternizadas, quando organizadas, podem se tornar agentes de transformação social e cultural. O discurso presidencial na ONU, portanto, não é apenas um ato diplomático: é expressão de um processo histórico que enrijece a lógica tradicional da elite brasileira.

A análise do discurso pronunciado na ONU deve considerar essa historicidade, pois não se trata de um sujeito isolado, mas de um representante que encarna memórias de lutas operárias, narrativas de marginalização e expectativas de justiça social. A presença de Lula no palco internacional convoca a literatura social brasileira como espelho crítico da desigualdade nacional. Tal literatura constitui matriz interpretativa a

partir da qual o discurso presidencial pode ser examinado como contrarrepresentação do Brasil narrado pelos romances sociais.

Obras como *Os Sertões* (2014) e *Vidas Secas* (2013) evidenciam o modo como o país se construiu sobre desigualdades abissais, enquanto *Quarto de Despejo* (2014) revela a voz da sobrevivência urbana marginal. Essa tradição literária fornece um repertório simbólico que ilumina cizânias presentes no discurso à ONU: a denúncia da fome, o apelo à solidariedade internacional e a reivindicação de um Brasil que deseja romper com padrões históricos de exclusão. O *corpus* discursivo⁴⁴, situado nesse horizonte, torna-se campo fértil para análise retórica.

A inserção de Lula no *mercado linguístico*⁴⁵ internacional deve ser compreendida como disputa por legitimidade em um espaço dominado por agentes provenientes das elites globais. Bourdieu (2022), ao discutir as clivagens desse mercado, afirma que nem todos os falantes possuem igual autoridade para *dizer* o mundo. Assim, um presidente operário, brasileiro e latino-americano é compelido a adotar estratégias retóricas específicas para garantir reconhecimento e credibilidade. É esse tensionamento que guia a investigação.

Não se trata apenas de identificar argumentos, mas de compreender modos de presença discursiva. A retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) permite analisar o *ethos* construído pelo orador, bem como o uso de *lugares*⁴⁶ que fundamentam a adesão

⁴⁴ Não confundir a expressão com os pressupostos teóricos da Análise do Discurso de Linha Francesa, de Dominique Maingueneau. Trata-se de uma forma de dizer, apenas.

⁴⁵ O conceito — conforme delineado em *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer* (Edusp, 2022) — refere-se a um *mercado simbólico* no qual diferentes formas de fala, variedades linguísticas ou estilos de discurso têm distinto valor simbólico, sendo tratadas como “mercadorias” de capital linguístico, cuja “troca” se dá conforme as posições sociais dos falantes e as regras do contexto de fala. Nesse mercado, a competência linguística — não apenas gramatical, mas socialmente apropriada ao campo de uso — funciona como capital simbólico: quem domina a forma valorizada de expressão (o “discurso legítimo”) costuma ter mais poder simbólico, maior prestígio e acesso a recursos sociais ou simbólicos. Em suma: o *mercado linguístico* descreve a arena social de trocas e lutas pelo reconhecimento e valorização de modos de falar, em que a linguagem não é neutra, mas atravessada por relações de poder, *status* e dominação.

⁴⁶ No *Tratado da Argumentação: a nova retórica* (1996), Perelman & Olbrechts-Tyteca utilizam o termo *lugares* para designar os pontos de vista, valores ou princípios gerais aceitos por um auditório e que servem de base para a construção de argumentos. Os *lugares* funcionam como fontes de legitimidade: ao invocá-los, o orador se ancora em crenças compartilhadas – como justiça, utilidade, ordem, liberdade, tradição, quantidade, qualidade, entre outros – e abre caminho para tornar aceitável uma conclusão. Não são premissas formais, mas orientações valorativas que estruturam a maneira de ver o mundo e que podem ser ativadas, combinadas ou hierarquizadas conforme a finalidade persuasiva. Assim, os *lugares* revelam o caráter pragmático da argumentação e revelam que persuadir não é deduzir logicamente, mas **mobilizar critérios de preferência reconhecidos pelo auditório**, de modo a tornar uma tese mais forte, mais crível e mais digna de adesão.

do auditório. Ao mesmo tempo, Deleuze (1968) oferece instrumentos para criticar identidades estabilizadas, pois mostra como a *diferença*⁴⁷ se torna potência criativa na cena política. A confluência dessas teorias possibilita uma leitura ampla das estratégias discursivas em jogo.

O discurso de Lula na ONU emerge, assim, como lugar de complexa negociação entre *representação* e *diferença*. Enquanto o *mercado linguístico* internacional tende a exigir um padrão de racionalidade técnico-burocrática, o orador mobiliza elementos que evocam a memória da luta social brasileira e aproxima política externa e compromisso humanitário. A análise desse entrecruzamento permite compreender como se produz legitimidade além das fronteiras nacionais.

Por fim, situa-se esta introdução como preparação para a seção de desenvolvimento, onde se pretende examinar, com certa minúcia, o discurso presidencial. A proposta é articular Literatura Social, Retórica e Filosofia para demonstrar que Lula opera numa zona liminar entre a tradição diplomática e a invenção de novos modos de presença discursiva. Essa perspectiva iluminada por Carvalho e Gramsci (1986) fornece o solo histórico-sociológico que sustenta o exame das estratégias retóricas no palco internacional.

Entre a *representação*⁴⁸ e a *diferença*: o discurso diplomático como gesto literário e disputa simbólica

O discurso de Lula na ONU inscreve-se em uma longa tradição de narrativas sobre o Brasil, mas problematiza tais narrativas ao mobilizar elementos que escapam aos padrões diplomáticos tradicionais. A Literatura Social Brasileira, especialmente em obras como *O Cortiço* (1997) e *Os Sertões* (2014), revela como o país historicamente foi

⁴⁷ Em Deleuze (1968), *diferença* não é entendida como simples variação entre termos previamente dados, como o modelo clássico que define a diferença pela oposição (A é diferente de B). Para ele, a *diferença* é **primeira, produtiva e positiva**: não deriva da identidade, mas a precede e gera formas, movimentos e modos de existência. A *identidade* surge como um efeito secundário de processos de diferenciação que se dão no plano do virtual, onde multiplicidades e séries coexistem. Assim, a *diferença* não é falta, desvio ou oposição, mas **potência de criação**, que produz novas singularidades e modos de ser. A tarefa filosófica, portanto, é pensar a *diferença* em si, sem reduzi-la às categorias da representação e reconhecê-la como força constitutiva do real.

⁴⁸ Conceito presente em Deleuze (1968) e devidamente explicado (de forma sucinta) em nota de rodapé (5) em conjunto com o conceito de *diferença*. Importante denotar que *representação* é um conceito amplo e que ao longo da história do pensamento foi estudado por diversos autores, porém, para os propósitos desta breve análise, elegeu-se o que se encontra postulado na obra de Gilles Deleuze.

representado como território de desigualdades estruturais. Lula reatualiza esse horizonte ao tematizar desigualdade, fome e injustiça global, ao deslocar o foco de uma diplomacia meramente técnica para uma interpelação política de caráter humanitário. Assim, o orador posiciona-se como voz de um país que conhece a dor dos excluídos.

Na perspectiva bourdieusiana, essa escolha discursiva implica disputar o monopólio da autoridade linguística no espaço internacional. O *mercado linguístico* da ONU privilegia falas oriundas de países do Norte Global, marcadas por uma forma de racionalidade administrativa. Ao evocar temas sociais e falar a partir da experiência de desigualdade, Lula rompe parcialmente com esse *habitus*⁴⁹ diplomático e introduz uma tonalidade ética e política distinta. Seu *ethos* se constrói justamente nessa fronteira entre o esperado e o inesperado, aquilo que Deleuze chamaria de *zona de variação da identidade*.

A *diferença*, para Deleuze, não é oposição, mas produção de novos modos de existência; nesse sentido, o discurso de Lula configura-se como movimento de diferenciação na diplomacia. Em vez de buscar adequação plena ao modelo hegemônico, ele articula um gesto que afirma singularidade brasileira, sem recair em exotismos ou estigmas. Tal gesto aproxima-se do que Perelman descreve como utilização estratégica de *lugares românticos*, aqueles que evocam valores de solidariedade, humanidade e compaixão para fundamentar a adesão do auditório. Trata-se, portanto, de uma retórica que faz da diferença um princípio de legitimidade.

Um dos elementos centrais do discurso de Lula é a crítica à desigualdade global, apresentada como problema ético e estrutural. Aqui ressoa a tradição literária de denúncia, presente desde *Os Sertões*, quando Euclides da Cunha descreve as distinções entre litoral e sertão. Lula atualiza esse diagnóstico, pois transpõe para o cenário internacional e atribui responsabilidade coletiva à comunidade global. O argumento aparece estruturado como apelo universal, típico dos *lugares clássicos* de Perelman, que se baseiam na racionalidade compartilhável por qualquer auditório.

⁴⁹ *Habitus*, em Bourdieu (várias obras), designa o conjunto de disposições incorporadas — esquemas duráveis de percepção, pensamento e ação — que orientam práticas sem necessidade de reflexão consciente. Formado historicamente pela posição social e pelo percurso de vida, o *habitus* produz comportamentos “naturais”, mas que expressam estruturas de poder e reproduzem ou transformam o mundo social conforme as condições. Etimologicamente, deriva do latim *habitus*, “modo de ser”, “maneira de portar-se”, ligado ao verbo *habere*, “ter, possuir” - indica aquilo que o sujeito *possui*, mas que, por sedimentação, acaba *possuindo* o sujeito. (Grifo meu).

No entanto, a universalização do argumento não apaga o posicionamento identitário do orador, o qual permanece marcado por sua origem operária. Essa origem funciona como componente do *ethos* e confere autenticidade às denúncias contra a fome e a pobreza. Em termos bourdieusianos, Lula mobiliza o *capital simbólico* de sua trajetória para legitimar uma fala que, de outro modo, poderia ser acusada de idealismo ou moralismo. Assim, o orador faz convergir autoridade institucional e autoridade biográfica e concebe uma síntese inteligível ao auditório global.

É fundamental destacar que esse *ethos* não é apresentado de forma explícita, como autoelogio, mas transparece nas escolhas argumentativas e na tonalidade do discurso. Perelman (2004) afirma que o *ethos* se constrói menos pelo conteúdo e mais pela maneira de dizer; nesse sentido, a postura firme, mas cordial de Lula cria um efeito de proximidade com o auditório internacional. A retórica é modulada pela polidez diplomática, mas não abdica de sua dimensão crítica. Isso reforça o caráter híbrido do discurso, situado entre protocolos e insurgências simbólicas, mesmo que sutis.

Ao tematizar a fome como escândalo ético, Lula retoma uma tradição discursiva marcada por autores como Graciliano Ramos (2013) e Carolina Maria de Jesus (2014), cujas obras expõem a brutalidade da falta de recursos básicos. A referência implícita à realidade da miséria brasileira, constante na Literatura Social, posiciona o Brasil como país que conhece de perto aquilo que denuncia. Assim, o discurso adquire densidade histórica e moral e se diferencia das falas que tratam a pobreza apenas como dado estatístico. Esse lastro literário-cultural reforça a legitimidade do orador.

Ao mesmo tempo, Lula desloca a crítica para o plano internacional, ao argumentar que a fome não é fenômeno natural, mas resultado de decisões políticas e econômicas. Esse movimento retórico opera na lógica de responsabilização e rompe com discursos fatalistas. A estrutura argumentativa é construída segundo o que Perelman (2004) denomina “causas eficientes” e mostra que a fome decorre de escolhas humanas, não de fatalidades climáticas. Assim, o presidente reivindica para si e para seu país o papel de agente ativo na transformação global.

Essa postura ativa do Brasil contrasta com relatos históricos que o representaram como país periférico e dependente. A Literatura Social Brasileira, desde Euclides da Cunha (2014) até a crítica modernista, insistiu na necessidade de compreender o Brasil como espaço de contendas internas. Lula, ao levar tais divergências ao plano internacional, converte-as em instrumento de argumentação política. Em vez de esconder

as fragilidades nacionais, o orador transforma-as em autoridade moral para exigir mudanças na conjuntura global.

O discurso, portanto, opera uma inversão simbólica. Aquilo que historicamente foi visto como marca de atraso — a pobreza estrutural — torna-se base para fundamentar uma nova posição ética no cenário internacional. Esse movimento pode ser compreendido como aquilo que Deleuze (1968) chama de criação conceitual: um desvio em relação à representação fixa do Brasil. Ao produzir esse desvio, Lula desestabiliza identidades outrora pétreas e abre espaço para a emergência de novas formas de reconhecimento diplomático.

O apelo à solidariedade global, presente no discurso, é articulado por meio de metáforas que evocam coletividade e interdependência. A Literatura Social fornece repertório para tais imagens, como o “povo dividido” e “sofrido” de *Vidas Secas*. Lula adapta esses elementos para construir um panorama internacionalista em que a dor do sul global não é contingência isolada, mas expressão de um sistema desigual. A metáfora, enquanto figura retórica reforça a adesão emocional do auditório e funciona como recurso persuasivo eficaz.

No plano filosófico, essa articulação metafórica pode ser lida como gesto deleuziano de problematização da identidade. Ao recusar uma representação essencialista do Brasil — ora pobre e dependente, ora exótico e periférico — o discurso apresenta um país em movimento, que fala a partir da diferença, não da falta. Assim, a retórica presidencial evita reproduzir imagens coloniais ou estereotipadas, pois lançam mão de uma identidade processual que busca reconhecimento pela potência de agir, não pelo vitimismo. Essa operação rompe com esquemas representacionais tradicionais.

A tematização da crise ambiental é outro ponto relevante do discurso e se conecta diretamente à tradição literária brasileira, que frequentemente problematizou a relação entre homem e natureza. Em *Os Sertões*, a descrição do meio físico como força determinante da vida social ilumina a importância desta categoria para compreender políticas públicas e ambientais. Lula atualiza essa tradição ao afirmar que a Amazônia é patrimônio da humanidade, mas sob a soberania brasileira, pois reivindica responsabilidade compartilhada e recusa tutelas externas.

A defesa da soberania nacional, no entanto, é modulada por *ethos* conciliador. Lula evita a retórica beligerante e aposta em argumentação que combina autoridade moral

e cooperação internacional. Essa estratégia corresponde ao uso de *lugares clássicos*⁵⁰, especialmente aqueles que sustentam argumentos baseados no interesse comum e na necessidade de preservação coletiva. Assim, o discurso evita cair em nacionalismos fechados e mantém dentro de uma lógica de racionalidade diplomática.

A linguagem utilizada para tratar da Amazônia mobiliza imagens de vida, regeneração e responsabilidade, ao reforçar a dimensão política e ética da questão climática. O modo como Lula articula esses elementos aproxima-se do uso de *lugares românticos*, que evocam valores afetivos e universais. Essa combinação de racionalidade e emoção é característica da retórica presidencial e ajuda a explicar sua ampla adesão em diversos contextos internacionais. O orador constrói, assim, uma postura ambiental que excede a tecnocracia.

A estrutura argumentativa do discurso revela equilíbrio entre denúncia e proposição. Lula não se limita a apontar problemas, mas apresenta caminhos: cooperação global, investimento em energias renováveis, fortalecimento de políticas sociais e combate à desigualdade. Esse movimento corresponde ao que Perelman (2004) denomina argumentação orientada para o futuro, que busca adesão por meio de propostas concretas. Tal estrutura reforça a legitimidade do discurso e o posiciona como voz pragmática e crítica.

Do ponto de vista do *mercado linguístico*, apresentar soluções é forma de ganhar *capital simbólico*. Bourdieu (2022) argumenta que quem domina as categorias legítimas de percepção e avaliação ganha autoridade para definir os problemas e suas saídas. Lula, ao formular alternativas, reivindica esse lugar de autoridade. Trata-se de disputa por *poder simbólico*, que se expressa na capacidade de nomear o mundo e indicar

⁵⁰ Em *Retóricas* (2004), Perelman distingue *lugar clássico* e *lugar romântico* como dois modos de conceber a dignidade e o valor da argumentação.

Lugar clássico designa a perspectiva em que o valor argumentativo está associado ao geral, ao universal, ao exemplar: o verdadeiro e o belo se definem pela conformidade a modelos e normas externas, que servem de padrão para julgar as obras e os discursos. É o regime da regra, da forma, da medida, em que a persuasão recorre ao que é reconhecido como cânone, tradição ou autoridade. *Lugar romântico*, ao contrário, privilegia o singular, o individual, o irrepetível. O valor desloca-se para a originalidade, a expressão pessoal e o inusitado, em que a força do argumento advém da presença da subjetividade e de sua potência criadora. Nessa perspectiva, a persuasão se ancora na experiência única, na emoção, na autenticidade do gesto. Perelman argumenta que não se trata de uma oposição excludente, mas de **dois regimes de valoração** coexistentes, que podem ser alternados ou combinados conforme o auditório e o objetivo retórico.

transformações possíveis. Assim, o presidente amplia seu espaço de enunciação dentro da ONU.

Essa disputa simbólica também se manifesta no modo como Lula historiciza as desigualdades e remete à violência colonial e às assimetrias históricas entre Norte e Sul. O discurso, desse modo, aproxima-se da tradição literária que denuncia a permanência de estruturas coloniais no Brasil, como se observa em *Quarto de Despejo*. A evocação dessa memória histórica confere profundidade ao argumento e impede que ele seja lido como mero moralismo. A historicização reforça a legitimidade da fala.

A crítica ao neoliberalismo global aparece como pano de fundo de várias passagens do discurso. Lula indica que a concentração de riqueza, a financeirização da economia e a fragilização de direitos sociais são fatores que alimentam a desigualdade. Embora a palavra “neoliberalismo” não seja sempre explicitada, a argumentação é estruturada por essa crítica. Isso corresponde ao que Perelman (2004) chama de *presunções argumentativas*, ou seja, ideias implícitas que estruturam a adesão sem necessidade de enunciação direta.

Esse conjunto de críticas coloca Lula em posição distinta dentro do *mercado linguístico*, pois sua fala se distancia dos paradigmas hegemônicos que caracterizam muitas potências globais. Ao fazer isso, o orador assume risco simbólico, pois desafia categorias dominantes de avaliação. Bourdieu (2022) enfatiza que nem todos os agentes podem se permitir tal ousadia. O fato de Lula fazê-lo indica uma tentativa de redefinir sua posição no campo diplomático, ao apostar em *capital simbólico* alternativo: o da experiência histórica da desigualdade.

A construção conciliadora, porém firme, revela habilidade retórica notável. Lula evita o tom de confronto direto, mas também não abdica da crítica. Essa postura se alinha à teoria de Perelman (2004), que aprecia discursos capazes de interpelar sem antagonizar. O orador negocia constantemente com seu auditório universal e busca construir adesão a partir de valores compartilháveis, como justiça, paz e solidariedade. Assim, ele mobiliza linguagem que transcende os interesses estritamente nacionais.

A menção a conflitos armados e à necessidade de solução pacífica reforça a imagem do Brasil como país comprometido com o diálogo. Essa imagem ecoa representações presentes na literatura brasileira, na qual a violência muitas vezes aparece como consequência de desigualdade, não como escolha voluntária. Lula recupera essa tradição para argumentar que o mundo precisa superar lógicas de exclusão e ódio. Tal

estratégia aproxima o discurso de um humanismo crítico, sustentado pela experiência brasileira de superação e conflito.

O apelo à paz é articulado por meio de linguagem que combina racionalidade e *pathos*. Lula denuncia mortes desnecessárias e convoca o mundo a assumir responsabilidade ética pelo sofrimento humano. Em termos perelmanianos, trata-se de uso eficaz de *lugares românticos*, que operam pela evocação de valores universais. Ao mesmo tempo, o orador mantém coerência com o *espaço da diferença* deleuziano, pois não apaga as assimetrias internacionais, mas as insere como parte constitutiva do problema. A paz é apresentada como processo político, não como ideal abstrato.

A defesa da democracia, tema recorrente do discurso, também se articula com essa tradição. Lula retoma a memória recente do Brasil, marcada por tentativas de ruptura institucional, para destacar a importância da vontade popular. Essa menção mobiliza *ethos* democrático e ressoa com a obra *Os Bestializados*, de José Murilo de Carvalho (1987), que evidencia a exclusão histórica do povo do processo político brasileiro. No palco internacional, Lula reverte esse quadro ao afirmar a centralidade do povo como agente de transformação.

A retórica democrática é estruturada por argumentos baseados na representatividade popular e na legitimidade eleitoral. Em termos bourdieusianos, Lula reivindica para si o capital político derivado das urnas, algo que fortalece sua autoridade no *mercado linguístico*. Esse movimento está ligado à noção de “competência política”, que se expressa não apenas pelo cargo, mas pela capacidade de mobilizar símbolos compartilhados. A democracia entra, assim, como fundamento ético da fala e como base para sua legitimidade global.

A defesa da integração latino-americana aparece no discurso como estratégia de fortalecimento regional. Lula utiliza argumentos que evocam a ideia de destino comum entre os países do continente e enfatiza a necessidade de cooperação política e econômica. Essa abordagem se insere na tradição literária de crítica ao colonialismo, compartilhada por autores como Darcy Ribeiro (1995) e José Martí (1891). Assim, ele constrói narrativa de emancipação que ressoa com identidades coletivas latino-americanas e amplia o alcance do argumento.

A integração latino-americana, tal como apresentada por Lula, articula-se a partir da lógica perelmaniana de “comunidade universal”, mas com marca identitária específica. A retórica assume a *diferença* como ponto de partida, não como obstáculo, pois se alinha

ao pensamento deleuziano. A região é apresentada como espaço heterogêneo, mas capaz de se articular politicamente diante de desafios comuns. Assim, a retórica diplomática adquire inflexões literárias que ampliam seu potencial expressivo e persuasivo.

A menção ao combate à desinformação, cada vez mais presente nos discursos contemporâneos, demonstra sensibilidade às transformações recentes do campo comunicacional. Lula articula o argumento a partir da defesa da democracia e do papel da verdade pública. Em termos bourdieusianos, trata-se de disputa por controle dos instrumentos legítimos de produção simbólica. O discurso articula-se contra formas de violência informacional que fragilizam o debate público. Essa estratégia reforça o caráter de responsabilidade institucional.

A defesa de instituições multilaterais fortes compõe outro eixo do discurso. Lula argumenta que a ONU precisa de reformas estruturais, sobretudo no Conselho de Segurança, para refletir a diversidade do século XXI. Tal argumento opera segundo a lógica dos *lugares clássicos*, que defendem a reorganização racional das estruturas políticas. Ao mesmo tempo, ele articula reivindicações específicas do sul global, uma vez que reforça a identidade coletiva transnacional. Essa combinação fortalece seu posicionamento no *mercado linguístico* internacional.

A crítica às desigualdades entre países se desdobra em propostas de reorganização econômica internacional. Lula indica a necessidade de novos pactos financeiros, capazes de permitir crescimento e justiça social. Essa proposição se conecta à tradição literária que denuncia a exploração econômica, como se vê em *O Cortiço* (1997), onde relações assimétricas de poder moldam a vida dos personagens. Ao transpor essa lógica para o nível internacional, Lula reforça a ideia de que desigualdade é resultado de estruturas replicáveis em diferentes escalas.

O discurso também produz uma imagem do Brasil como país que aspira a protagonismo responsável. Lula mobiliza *ethos* de liderança, mas evita a arrogância. No tocante aos termos perelmanianos, isso se expressa em modulação cuidadosa do tom, que combina firmeza e humildade. Em termos bourdieusianos, trata-se de acumular capital simbólico no mercado internacional sem exceder expectativas normativas do campo. Assim, o Brasil é apresentado como agente confiável, mas crítico, comprometido com reformas e com o diálogo.

A narrativa sobre a erradicação da fome no Brasil durante mandatos anteriores funciona como exemplo concreto de política pública bem-sucedida. Lula utiliza esse

exemplo como prova de que mudanças estruturais são possíveis. Aqui entra o que Perelman chama de *exemplificação*, recurso que amplia a adesão do auditório ao mostrar que o orador não fala apenas no plano teórico. Esse elemento reforça a credibilidade do discurso e contribui para a construção de *ethos* competente e prático.

A *exemplificação*⁵¹ também funciona como estratégia de legitimação pessoal, pois associa diretamente a figura do presidente a políticas de transformação social. Em termos bourdieusianos, esse movimento amplia seu capital político e reforça sua autoridade no *mercado linguístico*. O uso desse recurso, entretanto, é moderado, uma vez que evita a personalização excessiva da política. Assim, o discurso mantém caráter institucional e coletivo, coerente com uma conduta democrática. Essa moderação retórica amplia sua eficácia persuasiva.

O gesto de agradecer a solidariedade internacional recebida pelo Brasil durante as crises reforça o *ethos* de humildade. Esse elemento tem papel importante na construção simbólica do orador, pois demonstra que ele reconhece interdependências globais. Em termos retóricos, trata-se do uso eficaz da *captatio benevolentiae*, capaz de gerar disposição favorável do auditório. Assim, Lula inicia e encerra partes do discurso com movimentos que suavizam seu teor crítico, ao equilibrar denúncia e reconhecimento.

A denúncia da desigualdade de gênero e raça aparece como ponto importante do discurso, ainda que não central. Lula articula esse argumento por meio da valorização de políticas inclusivas e da necessidade de reconhecer injustiças estruturais. Tal argumento encontra eco na Literatura Social Brasileira, especialmente em obras de autoria feminina e negra, como *Quarto de Despejo*. Assim, o discurso estabelece interseção entre desigualdade nacional e injustiça global e reforça o compromisso com os Direitos Humanos, temática cara na contemporaneidade.

A argumentação sobre diversidade conecta-se diretamente ao pensamento de Deleuze, sobretudo à crítica da *representação*. Lula não apresenta identidades fixas ou categorias homogêneas; ao contrário, insere diversidade como princípio ético e político.

⁵¹ Em Perelman (2004), *exemplificação* é uma técnica argumentativa pela qual o orador apresenta casos concretos — fatos, episódios, narrativas, figuras, nomes — para ilustrar uma tese geral, torná-la perceptível e reforçar sua aceitabilidade. O exemplo não prova por dedução, mas **torna visível** o valor ou o princípio que se defende, pois permite que o auditório reconheça nele um caso paradigmático. Assim, a *exemplificação* conduz do **particular ao geral**, não para estabelecer uma lei universal, mas para tornar convincente aquilo que já se propõe: os exemplos “falam” porque encarnam o argumento, aproximam-no da experiência e mobilizam a adesão do público. (Grifo meu).

Essa perspectiva rompe com discursos identitários simplificadores e aproxima-se da concepção deleuziana de *multiplicidade*. Ao fazê-lo, o discurso introduz complexidade e dinamismo à retórica diplomática, que geralmente tende à estabilidade e à previsibilidade.

A defesa de políticas climáticas progressistas também é articulada por meio de elementos retóricos herdados da tradição literária, como metáforas da terra, da água e do fogo. Tais imagens reforçam a dimensão estética da argumentação e ampliam seu potencial de adesão. Sob a ótica perelmaniana, trata-se de mobilizar repertórios culturais compartilhados para produzir *identificação*. Esse uso da estética não é gratuito: ele serve à construção de um *ethos* ambiental que reforça a legitimidade brasileira na pauta climática.

É importante observar que o discurso de Lula não recusa a linguagem técnica, mas a integra à argumentação moral e política. Essa integração revela habilidade de transitar entre diferentes registros linguísticos, algo essencial na seara diplomática. Bourdieu (2022) argumenta que a competência linguística legítima exige capacidade de adaptação às normas do campo. Lula demonstra essa competência ao alternar dados concretos e apelos éticos, ao construir um discurso a um só tempo acessível e robusto. Essa pluralidade expressiva amplia seu alcance persuasivo.

A presença de elementos narrativos no discurso — histórias, personagens coletivos, memórias sociais — reforça sua aproximação com estratégias literárias. Tal recurso diferencia Lula de discursos padronizados e lhe confere singularidade retórica. Em termos deleuzianos, a narrativa funciona como linha de fuga dentro da estrutura da representação diplomática. Em termos perelmanianos, a narrativa produz *identificação*⁵² e reforça a proximidade com o auditório. Essa conjugação transforma o discurso em gesto literário-político de potente impacto simbólico.

Outro ponto relevante é a escolha lexical marcada por termos como “fraternidade”, “solidariedade”, “justiça”, “paz” e “esperança”. Tais termos não apenas evocam valores universais, mas compõem campo semântico que estrutura a

⁵² *Identificação*, em Perelman (2004), é o processo pelo qual o orador busca estabelecer uma proximidade simbólica com seu auditório, ao criar afinidades, comunalidades de valores, crenças ou sentimentos que tornam a argumentação mais persuasiva. Identificar-se com o público é partilhar, real ou estrategicamente, uma mesma visão de mundo: falar “como um de nós” e mobilizar referências culturais, linguísticas e afetivas que gerem confiança e credibilidade. A *identificação* não é mero recurso emocional, mas uma **condição pragmática** da retórica: quanto mais o auditório se reconhece no orador e no que ele diz, mais facilmente adere às conclusões propostas.

argumentação. Em Perelman (1996), valores são elementos centrais para a adesão de auditórios universais. Em Bourdieu (2022), a escolha lexical é parte do *habitus* linguístico, que se manifesta como poder simbólico. Em Deleuze, tais termos são operadores de *diferença* que podem produzir novos modos de pensar. Lula articula essas dimensões de modo coerente.

Ao assumir a posição de porta-voz de países pobres, Lula amplifica a sua representatividade como chefe de Estado. Ele não fala apenas pelo Brasil, mas por um conjunto de nações historicamente marginalizadas. Em termos bourdieusianos, trata-se de ampliar seu capital simbólico transferindo autoridade a partir de uma identidade coletiva. Sob a ótica de Perelman (1996), isso corresponde à ampliação do auditório, recurso que fortalece a universalização do argumento. Essa estratégia faz do discurso presença política que ultrapassa fronteiras nacionais. (Grifo meu)

Essa universalização é modulada por forte consciência das desigualdades históricas. Lula não idealiza a posição dos países pobres, nem cria romantizações do sofrimento. Ao contrário, insere tais países como agentes capazes de transformação, consonante com pensamento deleuziano sobre a potência da diferença. Assim, o discurso articula ética da responsabilidade e filosofia política da criação e desloca representações cristalizadas do sul global. Esse movimento fortalece o *ethos* de liderança transformadora, isto é, um paradoxo.

A reivindicação de participação mais ativa do sul global nas decisões internacionais reforça a retórica de justiça global. Lula articula argumentos baseados na proporcionalidade, na representatividade e na equidade, todos elementos associados aos *lugares clássicos* de Perelman (2004). Pelo viés sociológico, trata-se de reivindicar redistribuição do capital simbólico global. Assim, o discurso revolve estruturas diplomáticas vigentes e propõe reconfiguração do campo político internacional. Esse artifício é apresentado de forma estratégica e diplomática.

A utilização de dados estatísticos sobre desigualdade, pobreza e fome reforça o *logos* da argumentação. Tais dados funcionam como provas objetivas e sustentam a racionalidade do discurso. Em Aristóteles (2011) e em Perelman (2004), as provas são essenciais para consolidar a adesão racional/emocional do auditório. A combinação de dados com narrativas e apelos éticos produz discurso híbrido, que transita entre diferentes

regimes de sentido. Assim, Lula constrói argumentação equilibrada que integra razão e sensibilidade⁵³.

A dimensão ética do discurso é evidente quando Lula destaca que nenhum país deve ser deixado para trás. Esse argumento opera segundo uma lógica universalizante, baseada no princípio da dignidade humana. Em Deleuze, pode-se ler essa formulação como crítica à representação que reduz indivíduos a categorias fixas e nega multiplicidades. Em Bourdieu (2022), trata-se de recusar hierarquias simbólicas que legitimam distinções. O discurso articula, assim, ética e crítica estrutural.

Ao refletir sobre o papel do Brasil no mundo, Lula afirma a importância de políticas externas que dialoguem com demandas populares. Esse posicionamento retoma crítica histórica presente em *Os Bestializados*, que evidenciava o distanciamento entre governo e povo. Lula tenta superar essa ruptura ao inserir demandas populares na agenda internacional (conceito de *agenda settim*, do Jornalismo). Retoricamente, o discurso reforça seu *ethos* de governante conectado às bases sociais. Em termos simbólicos, produz uma imagem de país que leva suas contradições ao debate global.

O discurso também mobiliza reflexões sobre o papel dos jovens na transformação do mundo. Lula utiliza argumentos baseados em esperança e em renovação, pois reforça os *lugares românticos* associados ao futuro. Em termos literários, esse apelo ressoa com tradições brasileiras que valorizam o potencial transformador das novas gerações. Em termos filosóficos, articula-se com o pensamento deleuziano sobre potência e criação. Essa estratégia amplia a adesão e posiciona o Brasil como país voltado ao porvir.

A denúncia da xenofobia e do ódio aparece como parte da defesa da diversidade global. Lula articula argumentos que ressaltam a importância do respeito às diferenças e da convivência entre povos. Em termos perelmanianos, trata-se de mobilizar valores universais. Sob o ponto de vista bourdieusiano, trata-se de recusar hierarquias identitárias

⁵³ Diversos filósofos pensaram razão e emoção como dimensões integradas da experiência humana. Na Antiguidade, Aristóteles (em sua *Retórica*) já tratava das paixões como elementos cognitivos que orientam o julgamento; Estoicismo — com autores como Sêneca (obra *De Ira*) — via as emoções não como irracionalidades inferiores, mas como estados passíveis de regulação pela razão. Na Modernidade, Baruch Spinoza (obra *Ética*) identifica razão e afeto dentro de uma mesma substância, pois afirma que afetos e ideias são modos de conhecer e agir. David Hume (*A Treatise of Human Nature*) sustentou que “a razão é escrava das paixões”, ao reconhecer a centralidade do sentimento para o *agir moral*. E, no século XX, Maurice Merleau-Ponty (*Fenomenologia da percepção*) insiste que percepções, emoções e consciência são inseparáveis, uma vez que pensar é sempre *encarnado, afetivo e situado*. (Grifos meus).

que estruturam o campo global. Quanto aos termos deleuzianos, trata-se de celebrar multiplicidades. Assim, o discurso reconfigura identidades políticas e propõe a ética da diferença.

O compromisso com o combate à fome e à pobreza aparece como cerne do discurso. Esse compromisso é apresentado como responsabilidade moral e política e estrutura a eloquência do orador. Em termos literários, ressoa com uma tradição de denúncia social presente em diversos romances brasileiros. Em termos retóricos, alinha-se às teorias de Perelman sobre hierarquia de valores. Relativamente a Sociologia, conecta-se ao pensamento de Bourdieu (2022) sobre *capital simbólico*⁵⁴. Essa confluência fortalece a legitimidade do discurso.

Ao concluir sua fala na ONU, Lula realiza gesto discursivo que combina firmeza e esperança. Ele reafirma o compromisso do Brasil com a democracia, a paz e a justiça social, ao apresentar-se como líder disposto a dialogar e a transformar. Esse gesto sintetiza sua trajetória histórica que vai da marginalização à centralidade política, pois o consolida como figura pública, cuja legitimidade é constantemente disputada. No *mercado linguístico* internacional, esse encerramento produz efeito de autoridade e abertura e alicerça seu *status* de estadista.

O conjunto do discurso revela articulação sofisticada entre elementos literários, retóricos e filosóficos. A Literatura Social Brasileira fornece fundo simbólico que sustenta denúncias e propostas. A retórica de Perelman (2004) fornece instrumentos para compreender a construção de adesão. O pensamento de Deleuze fornece crítica à representação e à potência da diferença. Por sua vez, Bourdieu (2022) fornece aparato sociológico para compreender disputas por legitimação. O discurso de Lula emerge, assim, como síntese dessas dimensões que permeiam o existir conflituoso e paradoxal humano.

⁵⁴ *Capital simbólico*, em Pierre Bourdieu (várias obras), é a forma de capital constituída por **prestígio, reconhecimento e autoridade** socialmente conferidos a um indivíduo ou grupo. Diferente do *capital econômico* ou *cultural*, ele não é material, mas atua com enorme eficácia, pois converte determinadas qualidades — títulos, mérito, reputação, modos de falar ou de se portar — em poder legítimo. O capital simbólico funciona porque é **reconhecido** como legítimo pelo olhar social: sua força depende da crença coletiva de que aquele agente “merece” respeito ou deferência. Assim, trata-se de um recurso invisível que estrutura relações, decisões e hierarquias e opera como uma forma de dominação suave, que se exerce justamente porque parece natural. (Grifo meu).

Em síntese, o discurso de Lula demonstra que a Retórica, a Literatura e a Filosofia podem convergir para produzir novas formas de presença política. A partir da *diferença*, o orador constrói legitimidade e questiona estruturas de representação globais. Tal movimento revela potência transformadora de discursos que emergem de trajetórias historicamente marginalizadas. E, ao fazê-lo, inscreve o Brasil em novo horizonte de visibilidade simbólica.

Vale ressaltar ainda que, no cruzamento entre literatura social e política institucional, o discurso de Lula na ONU evidencia um percurso que, embora real e histórico, assume contornos narrativos semelhantes aos encontrados em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos (2013). Se Fabiano tenta articular-se num mundo cuja linguagem o exclui, Lula, ao contrário, apropria-se dessa linguagem para reconfigurar seus limites. Sua fala incorpora cadências populares, expressões de base comunitária e um *ethos* de pertencimento às classes subalternas, pois transforma a cena diplomática num espaço de disputa simbólica. Essa tensão revela que o dizer presidencial opera uma abertura do *espaço da diferença* tal como proposto por Deleuze em *Diferença e Repetição* (1968).

Considerações finais

A análise do discurso de Lula na ONU permite compreender como um ator político oriundo das classes populares pode reconfigurar padrões de legitimidade no campo diplomático internacional. A partir das lentes de Bourdieu (2022), percebe-se que Lula fricciona o *mercado linguístico* global ao mobilizar *capitais simbólicos* não convencionais, derivados de sua experiência de vida e de seu contato direto com desigualdades históricas. Tal gesto desafia hierarquias tradicionais de competência e autoridade. No entanto, o discurso não se apresenta como ruptura radical; ele negocia espaços entre o *habitus* de origem e as demandas protocolares do campo internacional.

Ao mesmo tempo, Perelman (2004) oferece instrumentos essenciais para compreender a estratégia argumentativa utilizada. Lula não busca apenas persuadir um auditório imediato, mas construir um auditório universal fundamentado em valores éticos amplamente reconhecíveis — dignidade, justiça, cooperação, responsabilidade global. A escolha de tópicos clássicos, associados a um forte apelo emocional e a exemplos concretos, fortalece a adesão. Tal articulação entre afetos e racionalidade retórica ecoa a tradição da Literatura Social Brasileira, cuja força reside justamente em tornar visível o que é estruturalmente invisibilizado.

Deleuze (1968), por sua vez, permite interpretar o discurso como criação de novas subjetividades políticas. A identidade presidencial apresentada por Lula não se estrutura nos moldes da representação identitária fixa; ela opera no plano da *diferença*. Lula performa um devir-estadista em que múltiplos pertencimentos convivem: retirante, operário, sindicalista, chefe de Estado, líder global do Sul. Essa subjetividade móvel produz linhas de fuga no cenário diplomático e desestabiliza concepções pré-formadas sobre quem pode ou não ocupar esse espaço. Sua fala torna visível a potência política da heterogeneidade.

A Literatura Social Brasileira fornece o alicerce simbólico mais profundo dessa construção discursiva. Da denúncia da fome até a crítica ao poder em Graciliano Ramos (2013), passando pela oralidade simples de Carolina Maria de Jesus (2014), o discurso de Lula ecoa tradições que fizeram da desigualdade brasileira um tema central da imaginação nacional. Ao transportar essas narrativas para o palco internacional, Lula não universaliza apenas valores — universaliza experiências históricas concretas, convertendo-as em categoria analítica global.

Dessa forma, o discurso presidencial se configura simultaneamente como objeto político, literário e filosófico. A eficácia retórica não está apenas em sua eloquência, mas na capacidade de interligar diferentes níveis de referência: o social, o histórico, o simbólico e o ético. A análise demonstra que Lula legitima-se internacionalmente não apesar de sua origem social, mas *por meio dela*, ao transformar o que o sistema tende a considerar um *déficit* em marca de autenticidade. Seu *ethos* se fortalece à medida em que incorpora a experiência coletiva dos marginalizados.

Por fim, este estudo revela que o discurso de Lula à ONU deve ser percebido como gesto de reposicionamento geopolítico e cultural do Brasil. Ancorado em tradições intelectuais diversas — do Romance Social à Filosofia da *diferença* —, o discurso constrói uma presença brasileira que reclama participação ativa e soberana na formulação de agendas globais. Nessa perspectiva, Lula não apenas se ratifica enquanto líder: ele modifica os critérios pelos quais a legitimidade é distribuída. A ONU, enquanto palco da representação internacional torna-se também palco da diferença, aberta à pluralidade de vozes e experiências.

Referências

- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. – 30ª ed. – São Paulo: Ática, 1997. (Bom Livro). Disponível em <https://www.curso-objetivo.br/vestibular/assets/download/obras-literarias/aluisio-de-azevedo/o-cortico.pdf>. Acesso em 04 de dez. de 2025.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. – Tradução e prefácio de Sérgio Miceli. – São Paulo: Edusp, 2022.
- CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CUNHA, Euclides. **Os sertões**. – Prefácio de Paulo Roberto Pereira. Brasília: UNB, 2014. Disponível em <https://fundar.org.br/wp-content/uploads/2021/06/os-sertoes.pdf>. Acesso em 04 de dez. de 2025.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. – Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- GRAMSCI, Antonio. **Literatura e vida nacional**. – 3ª ed. – Tradução e seleção de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Civilização Brasileira, 1986.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. – 10ª ed. – São Paulo: Ática, 2014. Disponível em <https://dpid.cidadeoapg.sp.gov.br/pde/arquivos/1623677495235~Quarto%20de%20Despejo%20-%20Maria%20Carolina%20de%20Jesus.pdf.pdf>. Acesso em 04 de dez. de 2025.
- PERELMAN, Chaim. **Retóricas**. – Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. – 120ª ed. - Posfácio de Hermenegildo Bastos. Rio de Janeiro: Record, 2013. Disponível em <https://iedamagri.wordpress.com/wp-content/uploads/2020/02/vidas-secas-graciliano-ramos.pdf>. Acesso em 04 de dez. de 2025.